



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS



RICARDO SOARES DA SILVA

**A CONCORDÂNCIA VERBAL EM TEXTOS ESCRITOS POR ESTUDANTES
DE GARANHUNS-PE: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA.**

GARANHUNS – PE

2018

RICARDO SOARES DA SILVA

**A CONCORDÂNCIA VERBAL EM TEXTOS ESCRITOS POR ESTUDANTES
DE GARANHUNS-PE: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal Rural de Pernambuco -
Unidade Acadêmica de Garanhuns - como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciado em Letras – Português, Inglês e suas
respectivas Literaturas.

Orientadora: Prof.^a Ma. Emanuelle Camila Moraes
de Melo Albuquerque Lima

GARANHUNS – PE

2018

RICARDO SOARES DA SILVA

**A CONCORDÂNCIA VERBAL EM TEXTOS ESCRITOS POR ESTUDANTES
DE GARANHUNS-PE: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA.**

Aprovado em __/__/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma. Emanuelle Camila Moraes de Melo Albuquerque Lima - UFRPE-UAG

(ORIENTADORA)

Prof.^a Dr.^a. Luiza Cristina Pereira Araújo -UFRPE-UAG

(1^a EXAMINADORA)

Prof.^a Ma. Thaysa Oliveira Barbosa-UFAL

(2^a EXAMINADORA)

GARANHUNS – PE

2018

A Maria Luíza, que sempre me deu um dos maiores sentimentos que existe “o amor de mãe”, e por estar sempre ao meu lado me orientando e por ser a principal responsável pelo meu amadurecimento, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em quem eu creio e que me deu a coragem e persistência necessária para encarar todos os problemas que surgiram durante a graduação e ter colocado durante esta experiência pessoas que contribuíram de forma positiva na minha formação.

A minha mãe Maria Luíza e meu irmão José Ronaldo Soares que sempre estiveram presentes na minha vida, me amando e socorrendo nos momentos de aflição ou de esquecimento e me salvando quando eu corria o risco de perder algumas oportunidades de grande relevância para minha vida acadêmica.

A minha prima, cunhada e amiga Jakeline Gueiros pelo a amizade e carinho e toda a força que me deu nessa trajetória acadêmica.

A minha amável prima Keliane Gueiros por me socorrer nos momentos mais que precisava.

A minha querida e excepcional orientadora, Emanuelle Albuquerque por todo o apoio e dedicação para juntos desenvolvermos esse trabalho. Grato por toda disponibilidade, atenção, paciência, humildade e principalmente por me auxiliar a ver o potencial existente em mim.

As professoras que aceitaram o convite a comporem a Banca Examinadora desse trabalho, Profa. Dra. Luiza Cristina a qual serei infinitamente grato pelo a contribuição dada a minha formação e a Profa. Ma. Thaysa Oliveira Barbosa, minha gratidão, respeito e admiração.

A professora Marlene Ogliari por ter me orientado no PIBID com toda paciência e empenho e principalmente por ter me apresentado os estudos da variação da linguística.

Gostaria de agradecer, aos meus amigos José Cláudio, Sinária Albuquerque, Marília Silva, Eduardo Soares, Alef Ferreira, Pedro Paulo e Ericles Souza, por me incentivarem e me apoiarem nos momentos difíceis da minha graduação, com as palavras ditas e a força nos momentos difíceis e por toda a confiança quando diz acreditar que eu faria muito sucesso na vida acadêmica e profissional.

Aos meus amigos de turma em especial Débora Fernanda, Geovana Ferreira, Eliziane Tavares, Gabriel Cantilino, Gabriele Evaristo, Josefa Jéssica, Izabela Borges e Sheila Nascimento que acompanharam minha trajetória durante minha graduação, me ajudaram e suportaram meus dramas e por terem sido as melhores pessoas que o curso de Letras me apresentou, meus sinceros agradecimentos.

“Nossas alucinações são alegorias da realidade”

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre a variação de concordância verbal da língua em seu uso real de alunos da cidade de Garanhuns-PE. Para realizarmos esta pesquisa, utilizamos como base teórico-metodológica a Sociolinguística Variacionista que tem como iniciador William Labov (2008), que considera a língua em seu contexto social, fizemos uso também de pesquisas realizadas anteriormente sobre o fenômeno estudado como as de Moura (2007), Rodrigues (1987), Vieira (1994) entre outras. Partindo desse pressuposto de que a concordância verbal do português do Brasil é uma regra variável, na qual há uma variante de prestígio e uma variante desprestigiada em competição entre si, procuramos não só verificar essa variação como também identificar os fatores linguísticos e sociais que estão influenciando e condicionando essa variação na escrita formal. O uso das variantes foi analisado de acordo com os fatores linguísticos e sociais já postulados por outros estudiosos. Dentre os fatores linguísticos selecionamos o tipo de verbo (estado e ação) e posição do verbo em relação ao sujeito. Os fatores extralinguísticos analisados foram: o sexo e o nível de escolaridade dos alunos. A partir da metodologia Laboviana, fizemos a coleta dos dados, montamos o *corpus* da pesquisa constituído por trinta textos produzidos por alunos dos 6º e 9º ano do ensino fundamental II e 3º ano do ensino médio e o analisamos. A quantificação dos dados foi feita por meio de tabulação e nos permitiu chegar aos seguintes resultados: há ausência da concordância verbal na linguagem escrita dos informantes em geral de (14,15%) empregados principalmente entre os alunos de escolaridade maior (3º ano), assim como sexo masculino é o que mais apresenta a forma não-padrão. Verificamos os dois fatores linguísticos que também atuam como condicionadores de uma variante. Portanto, foi visto que a escola influencia os discentes a empregarem a língua em sua norma padrão, amenizando o uso de variações tidas como não padrão.

Palavras chaves: Concordância verbal; Sociolinguística Variacionista.

ABSTRACT

This essay (work) presents a study about the variation of the verbal agreement of the language in its actual use of students from Garanhuns' city – PE. To perform this research, we use as theoretical-methodological basics the Variationist Sociolinguistics that has its originator William Labov (2008), who considers the language in its social context, we have also used previously utilized surveys about the phenomenon studied as the one of Moura (2007), Rodrigues (1987), Vieira (1994) among others. Based on this assumption that the verbal agreement of Brazilian Portuguese is a variable rule, in which there is a prestige variant and a discredited variant in competition between them we look for not only to verify this variation but also to identify the linguistic and social factors that are influencing and conditioning this variation in the formal writing. The use of the variants was analysed according to the linguistic and social factors already postulated by other scholars. Among the linguistic factors we selected the verb type (state and action) and position of the verb in relation to the subject. The extralinguistic factors analysed were: the sex and the education level of the students. Based on the Labovian methodology, we collected data, set up the research corpus constituted by thirty texts produced by students from the 6th and 9th grades of elementary school and grade 12 of high school and analysed them. The quantification of the data was done through the tabulation and allowed us to reach the following results: there is an absence of the verbal agreement in the writing language of the informants in general of (14,15%) appointed mainly among the students of higher education (grade 12), as well as the male is the one that most presents a non-standard form. We verify the two linguistic factors that also act as conditioners of the variant. Therefore it was seen that the school influences the students to employ the language in its standard norm, softening the use of variations as non-standard.

Key words. Verbal agreement; Variationist Sociolinguistic.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. O FENÔMENO EM ESTUDO	16
2.1 A CONCORDÂNCIA VERBAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	16
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
3.1 A Teoria Sociolinguística Variacionista	19
4. A METODOLOGIA SOCIOLINGUÍSTICA	24
4.1 Fatores Linguísticos	27
4.1.2. Tipos de verbos	27
4.1.3. Posição do verbo em relação ao sujeito.....	27
4.2 Fatores extralinguísticos	28
4.2.1. Sexo.....	28
4.2.2. Nível de escolaridade	28
4.3 A comunidade de fala.....	29
5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	31
5.1 Apresentação	31
5.2. Análise dos Fatores Extralinguísticos	32
5.2.1. Nível de escolaridade	32
5.2.2. Sexo.....	35
5.3. Análise dos Fatores Linguísticos	39
5.3.1 Tipos de Verbos	39
5.3.2 O verbo em relação ao sujeito	42
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
7. REFERÊNCIAS	48

1.INTRODUÇÃO

A linguagem é um processo comunicativo pelo qual as pessoas interagem, portanto, podemos afirmar que através dela nos comunicamos uns com os outros, expressamos nossas ideias e emoções. Logo, não podemos imaginar uma sociedade sem comunicação entre seus membros, sem a utilização da linguagem visto que ela é meio fundamental para a existência da sociedade e para a circulação da informação.

O português do Brasil possui um grande número de variedades linguísticas que vem sendo objeto de estudo, nas últimas décadas, de pesquisas de cunho variacionista. As quais seguem os princípios da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008) que estão pautados na heterogeneidade e no lado social da linguagem.

Como a língua é produzida e desenvolvida dentro dos contextos sociais e culturais, pessoas de diferentes grupos sociais empregam-na de modos diferentes, dependendo do tempo histórico, das diferenças de localização geográfica, entre outros fatores, mesmo quando falamos de uma mesma língua.

A língua é inerente aos vários contextos que a circulam e que dela fazem parte. Dessa maneira, a língua, também é um produto social apresentando formas variadas de realização em meio a comunidades linguísticas, apresentando-se enquanto um fenômeno dinâmico, não estático e heterogêneo.

Para Labov, ([1972] 2014, p. 238).

A existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está certamente bem fundamentada nos fatos. É a existência de qualquer outro tipo de comunidade de fala que deve ser posta em dúvida. (...) a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais.

Especificamente, em nossa pesquisa trataremos do Português do Brasil, com base no modelo teórico-metodológico da sociolinguística com a variação existente em foco na marcação ou não da concordância verbal com desinência de número plural em textos escritos por estudantes do 6º, 9º do ensino fundamental e 3º ano do ensino médio de escolas públicas Garanhuns-PE. Nossa investigação buscará analisar sentenças como as seguintes:

1 a. *Os meninos saíram de casa.*

b. *Os meninos saiu∅ de casa.*

2 a. *Eu e João amamos bolo de chocolate.*

b. *Eu e João ama∅ bolo de chocolate.*

3 a. *Nós gostamos de futebol.*

b. *Nós gosta∅ de futebol.*

A marcação e/ou a ausência de concordância verbal nas sentenças apresentadas acima nos mostram que o mesmo falante pode fazer uso alternado entre as formas com e sem o emprego da concordância sem que a compreensão seja comprometida. Quando tal combinação não é feita, com a não utilização dos morfemas de número e pessoa, ocorre o que chamamos de ausência de concordância, que pode surgir tanto na oralidade, quanto no texto escrito, objeto de nossa investigação.

As gramáticas Tradicionais (doravante GT) referem-se unicamente à flexão do verbo como forma de se ajustar ao sujeito, apresentando a concordância como relação sintática do verbo com o sujeito da oração, e admitem, sobre a forma de exceção, algumas possibilidades de o verbo concordar ou não com o sujeito.

Este fenômeno foi também objeto de estudo de pesquisas realizadas anteriormente como as de Naro & Scherre (1997) na qual observaram que a variação na concordância no português falado no Brasil já faz parte da competência linguística dos falantes (está em suas mentes), é uma característica de sua fala, e é sistemática, sendo, desse modo, previsíveis as situações (sociais e linguísticas) em que os falantes tendem a aplicar ou não as regras de concordância prescritas pela gramática tradicional. Para eles, esse fenômeno acontece de acordo com o uso real da língua falada em comunidade.

Segundo Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 331), a concordância verbal no português brasileiro é um dos aspectos variáveis que tem sido muito discutido através de estudos dos pesquisadores da teoria da variação. Temos visto que diversas pesquisas

vêm demonstrando uma forte tendência à não realização das marcas de plural (-mos) no sintagma verbal, mas esse fenômeno ainda não é descrito pelos compêndios gramaticais.

Em sua pesquisa, Moura (2007, p. 20) afirma que “segundo a ordem Sujeito-Verbo-Objeto (SVO) no português brasileiro, a concordância é estabelecida entre o sujeito e o verbo”. A autora reconhece que a concordância verbal pode ser considerada uma regra variável, mesmo em se tratando da norma culta da língua”. De acordo com a gramática de Bechara (2004, p. 544), “é preciso estar atento à liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece”. Porém, fica clara a diferença entre as duas falas, em que o autor faz a ressalva a fim de que se tenha cuidado com essa liberdade para “não prejudicar a clareza da mensagem e a harmonia do estilo”, enquanto Moura (2007) procura destacar a variação a fim de que a concordância entre sujeito e verbo possa ser abordada de maneira adequada nas escolas, segundo a Sociolinguística.

Na GT, Bechara (1999, p. 20) destaca que seu estudo gramatical —alia a preocupação de uma científica descrição sincrônica a uma visão sadia da gramática normativa, libertada do ranço do antigo *magister dixit*¹ e sem baralhar os objetivos das duas disciplinas. Admite ainda estar contribuindo com —úteis sugestões ou temas de reflexão para uma proposta de melhoria da vigente nomenclatura gramatical (BECHARA, 1999, p. 20) presente nos manuais escolares. Entretanto, o autor aborda em sua (doravante GT) que a concordância verbal se verifica entre número e pessoa, mas percebemos que essa mudança na prática não aparece.

Embora o texto tenha ganhado espaço nas aulas há muito tempo, para o desenvolvimento das habilidades de compreensão e produção, ainda é comum que as regras ditadas pela norma padrão sejam explicitadas e “exercitadas” por meio de frases soltas, descontextualizadas, como nos afirma Antunes (2003, p.31), “uma gramática fragmentada, de frases inventadas, da palavra e da frase isoladas, sem sujeitos interlocutores, sem contexto, sem função; frases feitas para servir de lição, para virar exercício”. Com essa perspectiva, transmite-se a ideia de uma norma que existe em função de si mesma, numa gramática que deve ser seguida independentemente das circunstâncias da situação de interação.

¹ É uma expressão latina que pode ser utilizada quando se procura construir um argumento referindo-se a uma autoridade tida como inquestionável.

A concordância verbal de número e pessoa é um dos aspectos da gramática do português brasileiro, que supostamente apresenta amplos processos de variação. Segundo a abordagem tradicional, ela acontece quando se verifica uma combinação entre as marcas morfológicas do sujeito e do verbo da oração. Essa postura categórica pode ser observada, também, em Cunha & Cintra (2001, p. 496) quando apresentam a seguinte definição para a concordância: “a solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na concordância, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito”.

Bechara (2004) aponta que para que a concordância verbal seja feita, deverá haver uma relação de número e pessoa entre o sujeito (e às vezes, o predicativo) e o verbo da oração”, podemos ver na seguinte sentença:

4. a “Porque entre ele e Suintila... *está* o céu e o inferno”. (BECHARA, 2004, p. 554)

O autor deixa claro que o verbo *está* concorda com o sujeito mais próximo (o céu) da série coordenada *o céu e o inferno*. E divide o estudo da concordância em partes: A concordância de palavra para palavra, que pode ser total ou parcial, “conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo dos vocábulos determinados numa série de concordância”, oferecendo os seguintes exemplos:

5. a “Povo sem lealdade não alcança estabilidade”. (BECHARA, 2004, p. 554)

b. “Repeti-as, porque se me ofereciam vida e honras a troco de perpétua infâmia”. (p. 554); (BECHARA, 2004, p. 554)

O autor enfatiza que a concordância palavra por palavra tem relevância apenas quando concorda com número. A concordância de palavra para sentido, feita quando o sujeito simples é um nome ou um pronome que tem uma ideia de coleção ou grupo:

6. a “A gente vamos”. ((BECHARA, 2004, p. 555)

O gramático diz que “a língua moderna impõe apenas a condição estética, uma vez que soa desagradável ao ouvido”. (p. 555); contudo, vemos que tanto a gramática concorda que existe a variação entre o “*nós*” e “*a gente*” e reforçam a tese de que o “*a*

gente” é equivalente ao “*nós*” apresentando desta forma o mesmo valor semântico. Porém, a gramática assume uma posição preconceituosa em relação às variedades linguísticas existentes no Português Brasileiro, ignorando-as ou restringindo-as a linguagem coloquial.

Assim, o ensino dessa gramática, por meio de frases descontextualizadas, alimenta o preconceito linguístico, que até hoje faz muita gente acreditar que não sabe falar português e ainda motivar outras que acreditam dominar o padrão correto a esbravejar contra os supostos “erros” de outros falantes. Além disso, pode fazer com que muita gente “erre”, aplicando as regras prescritas pela gramática normativa sem levar em consideração a situação da comunicação, revelando uma concepção de língua como sistema em potencial, um conjunto de signos e regras, desvinculados das condições de realização que caracterizam as situações de interação verbal, em oposição ao que ela é de fato: uma forma de interação verbal.

Bezerra (2005) nos aponta que tradicionalmente, o ensino da disciplina língua portuguesa no Brasil é direcionado para a exploração da gramática normativa, nas perspectivas prescritiva - imposição de um conjunto de regras que prescrevem os usos linguísticos corretos - e analítica – ensino de nomenclaturas e questões metalinguísticas. Para ela, essa tradição foi motivada diante de dois fatores: o modelo tradicional da gramática do Latim, e o fato de que o ensino de Português ficava restrito às classes que já dominavam a norma culta, como se não estivesse aberta a variações, como sabemos a língua é viva.

Segundo os estudos de Ali (2001, p. 205):

Consiste a concordância em dar a certas palavras flexionáveis as formas de gênero, número ou pessoa correspondentes à palavra a que no discurso se referem. É a prática decorrente da própria flexiologia. Desde que de um vocábulo se oferecem várias formas à escolha, e o dito vocábulo vem determinar, esclarecer ou informar alguma coisa a respeito de outro, escolheremos naturalmente aquela forma que se harmonizar este outro termo.

Diante das considerações do autor, pode-se depreender que a concordância no português brasileiro é o processo em que determinadas palavras devem se harmonizar com outras dentro da oração.

Desse modo, a pretensão desse trabalho é discutir o fenômeno concordância verbal no português brasileiro, especificamente a não realização dele. A hipótese é a de que esse mecanismo gramatical de harmonização, pessoa, número, entre sujeito e o verbo na oração, seja afetado pelo componente perceptivo do usuário da língua. Nota-se que, de fato, a conformidade entre sujeito e verbo é assimétrica e variável, sendo assim, a aplicação de regras depende de um conjunto de fatos de ordem morfológica, sintática e sociocultural dos falantes, já que as GTs diferem dessa linha de pesquisa que instigam que a não aplicação da concordância verbal e um “erro”, entretanto, os vários trabalhos que demonstraram que as variações estão ligadas ao nível sociocultural do falante são fortemente abarcados no sistema linguístico em uso.

De modo geral, esta pesquisa está dividida nas seguintes seções: o fenômeno em estudo, na qual discutimos acerca da variável apresentando-a com base em pesquisas anteriores referentes à concordância verbal e a forma como ela está inserida no contexto cultural. Na seção de fundamentação teórico-metodológica, apresentamos a teoria Sociolinguística Variacionista que embasa esta pesquisa, dispendo de seus pressupostos teóricos e sua metodologia, esclarecendo o modo como a partir dela desempenharemos nossa pesquisa. A análise dos dados traz o *corpus* e a discussão dos resultados obtidos, mostrando quais os principais fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionaram a ocorrência e a não ocorrência das variantes, corroborando com outras pesquisas ou trazendo dados novos sobre a utilização da concordância verbal na língua portuguesa, especificamente, na cidade de Garanhuns, Pernambuco.

2. O FENÔMENO EM ESTUDO

Em nosso trabalho, discutiremos sobre o fenômeno da variação na concordância verbal, especificamente na língua portuguesa, para tal, estudaremos a língua em uso real numa comunidade de fala, considerando as relações existentes entre língua, cultura e sociedade e compreendendo o caráter mutável das línguas, descobrindo os contextos que favorecem as variações na língua, a partir de pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista. Na presente seção, trataremos considerações sobre o fenômeno em questão e sobre alguns dos estudos já realizados até então.

2.1 A CONCORDÂNCIA VERBAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A concordância verbal no português brasileiro é um dos aspectos variáveis, e que causa interesse por parte dos linguistas variacionistas. Apesar da difusão de inúmeros pesquisas que apontam o caráter variável da língua, a observarmos as gramáticas normativas, encontraremos, ainda, uma grande quantidade de regras que não são aplicadas, efetivamente, na língua em uso real, ou seja apesar do que já foi revelado sobre as diversas manifestações linguísticas existentes, a GT continua classificando os fatos da língua em “certos” e “errados”.

No que tange à concordância verbal, as GTs assumem unicamente que o verbo deve ser flexionado para concordar com o sujeito. Cunha e Cintra (2008, p. 510) reconhecem que há uma “variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito” e que a *concordância* evita a repetição do sujeito, que pode ser indicada pela flexão verbal a ele ajustada, trazendo os seguintes exemplos:

7. a *Eu acabei* por adormecer no regaço de minha tia. Quando *acordei*, já era tarde, não vi meu pai”. (CUNHA E CINTRA, 2008, p. 510)

b. “A paisagem ficou espiritualizada. Tinha adquirido uma alma”. (CUNHA E CINTRA, 2008, p. 511)

c. “Só *eu e Florêncio* ficamos calados.” (CUNHA E CINTRA, 2008, p. 511)

Os autores assumem a existência de regras gerais: com um só sujeito, quando o verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito, venha ele claro ou subentendido,

e com mais de um sujeito, quando o verbo que tem mais de um sujeito (sujeito composto) vai para o plural, não há nenhuma menção a qualquer tipo ou possibilidade de variação.

Perini (1966) sugere a necessidade de se elaborar uma nova gramática do português, cuja teoria gramatical reflita uma análise coerente da estrutura da língua. Na sua visão, uma gramática satisfatória seria aquela que se ocupasse prioritariamente da descrição das formas da língua (fonologia, morfologia, sintaxe) e com a explicitação do “relacionamento dessas formas com o significado que veiculam” (PERINI, 2000, p.21). O autor dá a ideia de que com a reformulação da gramática, os estudiosos gramáticos entenderíamos a língua em seu uso real.

Nessa perspectiva, há algumas divergências entre as prescrições gramaticais e as descrições linguísticas. Observamos que gramáticos diversos como (LUFT, 2002; CUNHA e CINTRA, 2007 [1985]), afirmam que é necessário que o verbo concorde com o sujeito, para este se posicionar de acordo com as regras que regem a língua portuguesa. Nos dados de uso real da língua, entretanto, verifica-se que há uma área de ampla variação, surgindo, então construções sentenciais sem concordância gramatical visível.

Segundo Góis (1955, p. 25), “a concordância estabelece uma relação de identidade entre a palavra regida e a palavra regente, entre o termo modificador e o termo modificado”. Para os autor a concordância é a harmonia existente na oração em que determinados elementos concordam com os outros, o que para ele a ausência de concordância é considerada um erro, ou seja, o ideal abstrato de língua perfeita que emerge das prescrições dessa gramática tende a ser visto como a própria língua, que deve ser “protegida” dos usos em contrário, o que promove uma percepção negativa da variação.

De outro modo, a ausência é mais um caso de omissão de redundância do que falta de concordância verbal, ou seja, identificamos o sujeito, foneticamente expresso ou não, mesmo com verbos que não apresentam todas as marcas de concordância verbal, através de, pelo menos, uma marca de concordância verbal. O sujeito quando aparece antes do verbo, favorece a presença da concordância verbal, mas quando o sujeito vem posposto ao verbo desfavorece a presença dessas marcas.

Para apresentar a realidade linguística do português, muitas investigações estão sendo desenvolvidas levando em consideração que a língua varia conforme o contexto em que ela é utilizada, ou seja, em cada comunidade de fala ocorrem processos de variação conforme os fatores linguísticos e extralinguísticos envolvidos.

Conforme Castilho (2010: 273), no português brasileiro, “a concordância não pode ser descrita em termos de regras categóricas. A postulação de regras variáveis capta melhor o que ocorre aqui, dada a complexidade dos fatores determinantes da concordância e a instabilidade em sua execução em nossa língua”.

A facilitação morfológica no português brasileiro no sintagma verbal, não é um erro, como tradicionalmente se vem armando, mas resultado de uma tendência de fatores linguísticos e sociais e características de todas as línguas por conta dos processos de mutação e mudança linguística. O forte contraste entre o uso ou não do mecanismo de concordância e as políticas de ensino, espelhadas em práticas didático-pedagógicas fundamentadas em gramáticas que pressupõem uma norma única, indicam a necessidade de se conhecerem as regras em uso pelas diversas comunidades de falantes.

É importante ressaltar que a concordância verbal é um fenômeno linguístico que não poder ser analisado, apenas em termos de suas relações internas da gramática, mas deve ser visto como parte de contexto sociocultural mais amplo, no qual ela ocorre. Moura (2007) procura destacar a variação a fim de que a concordância entre sujeito e verbo possa ser abordada de maneira adequada nas escolas, segundo os preceitos sociolinguísticos.

Sendo assim, com base nos aportes da Sociolinguística Variacionista é possível defender que a não concordância verbal de número no plural da nossa língua brasileira é constituída por uma variável linguística que abrange duas variantes: a presença ou a ausência de marca formal de plural no verbo e, com isso, podemos, ainda, discutir e refutar a ideia de “erro” linguístico, proposta tal difundida pela GT.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na presente sessão, abordaremos os pressupostos da teoria Laboviana os quais embasam nossa pesquisa nos fornecendo meios para realização da mesma, em seguida apresentaremos como a metodologia variacionista foi aplicada neste estudo.

3.1 A Teoria Sociolinguística Variacionista

A teoria Sociolinguística Variacionista surgiu a partir da segunda metade do século XX, tendo seu início com o texto de Herzog, Labov e Weinreich (1968) que, entre outras questões, postulou a noção de heterogeneidade sistemática, na qual a comunidade de fala (escrita ou falada) seria o principal foco de estudo. Assim, considera-se que a variação é inerente a todo processo linguístico, não sendo aleatória, mas comandada por restrições linguísticas e não linguísticas, o que abre caminhos para a possibilidade de sistematizar a variação existente e própria da língua.

Desse modo assume, como coordenada básica da reflexão sobre a mudança normal da língua em seu uso real e, ao mesmo tempo, argumenta contra a ideia tradicional entre os linguistas de que sistematicidade e variabilidade se excluem.

A teoria da variação estuda a mudança da língua no contexto social, partindo do pressuposto de que a língua é heterogênea, existindo, portanto, variedades linguísticas que ocorrem devido a um grupo de fatores sociais. Exatamente porque o modelo Laboviano compreende que fatores sociais podem condicionar ou não a predominância das variedades linguísticas, é que Tarallo (1998, p. 06) define a sociolinguística como um modelo teórico-metodológico que estuda a “desordem” existente na língua atentado para o lado social da linguagem:

“A teoria da variação linguística trata-se de um modelo teórico-metodológico que assume o “caos” linguístico como objeto de estudo”. Como esse modelo, por princípio, não admite a existência de uma ciência da linguagem que não seja social. (Tarallo, 1990, p. 06)

A teoria assim conhecida como variacionista tem como objeto de estudo a língua em uso “o vernáculo” e a variação linguística nela existente. Considerando-a como possível de ser sistematizada e descrita para análise científica, acreditando que toda forma de comunicação é condicionada por fatores sociais, sendo, portanto, esses fatores

sociais de extrema importância para os estudos variacionistas sejam eles observados em grandes ou pequenos grupos sociais.

Para Labov (2008), a variação não ocorre ao acaso, ela é motivada por um conjunto complexo de parâmetros, por condicionamento ou variáveis que favorecem ou inibem o emprego de variantes. (LABOV, *apud* MOLLICA, 1998, p. 14). É possível perceber que as variáveis são de natureza diversificada e não acontecem de forma isolada. Dessa forma, as marcas linguísticas sujeitas à variação dependem da ação das variáveis estruturais, sociais. Para Tarallo (1998), as variantes são diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade. O conjunto das variantes recebe o nome de variável linguística. O termo variável, para Mollica (1998), pode significar fenômeno em variação. Segundos os autores as variáveis correspondem a um aspecto ou categoria da língua que se encontra em variação, ou seja, essa variável compreende o conjunto de variantes linguísticas, que se encontram em formas diversas e alternantes de se expressar uma mesma informação.

Desse modo, nas palavras de Mollica (2015, p. 10), “a variação linguística constitui um fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes”. “E essas variantes são as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente. (MOLLICA, 2015, p.11). Nessa perspectiva, o uso de uma variável vai depender de fatores linguísticos e extralinguísticos em que mostra as relações que são estabelecidas entre eles, como por exemplo, a concordância entre o verbo e o sujeito, é uma variável linguística, como podemos ver se realiza através de duas variantes, ou seja, um fenômeno variável, que podemos destacar como a marca de concordância no verbo e/ou a ausência da marca de concordância. Desse modo, pode-se observar que o uso de uma determinada variável não vai ser aleatório, pelo contrário ele vai ocorrer em situações regulares tanto linguisticamente como socialmente, assim ocorrendo uma regularidade em meio à heterogeneidade.

Segundo Labov (2008) o modelo teórico metodológico variacionista proporciona a análise das variedades linguísticas existentes no vernáculo, mostrando que os fenômenos linguísticos ocorrem de acordo com regras variáveis, por isso à definição da teoria como Sociolinguística Variacionista. Portanto, ela busca relacionar a

heterogeneidade social, uma vez que não é possível estudar a língua sem relacioná-la com a sociedade a qual ela se manifesta verbalmente.

Em seus estudos, Willian Labov (2008) propôs que a análise dos componentes sociais fosse incorporada às pesquisas linguísticas, fazendo a relação entre língua e sociedade. Foi esse modelo metodológico no qual há coleta e análise de dados reais, números e fórmulas estatísticas que forneceu à teoria o rótulo de “sociolinguística quantitativa”. É importante frisar que a variação não ocorre porque a sociedade quer, ou que seja por um acaso, ela tem vários conjuntos de fatores motivadores, com um complexo de parâmetros. Todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas. Encontram-se assim formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo.

Nessa perspectiva, não existe uma língua pura, sem interferências dos fatores socioculturais que compõem uma comunidade linguística, na qual a manifestação verbal ocorra, tanto nas formas escritas como no ato real da fala.

Labov (2008, p. 238), diz que:

Tão logo eliminarmos a suposta associação entre estrutura e homogeneidade, estaremos livres para desenvolver os instrumentos formais necessários para lidar com a variação inerente dentro da comunidade de fala.

A tarefa da sociolinguística variacionista é analisar as variações linguísticas existentes nas línguas identificando os fatores que influenciam a ocorrência ou a não ocorrência delas. Sobre isso, Santos (2009, p.68) esclarece que graças à heterogeneidade há distinção no modo de comunicar-se das comunidades de fala:

Sociolinguística estuda a língua em uso em uma comunidade linguística. Essa língua é heterogênea, ou seja, não é falada da mesma forma por todos os membros da comunidade. Cada comunidade de fala possui características linguísticas que a distingue das outras.

Em qualquer comunidade de fala, independentemente de seu tamanho, há uma variação considerável entre os indivíduos: as mulheres não falam como os homens, as crianças não falam como os avós, e assim por diante. Além disso, mesmo os indivíduos considerados em sua singularidade não estão limitados a uma única variedade da língua.

Assim, os falantes adquirem as variedades linguísticas próprias à sua região, à sua classe social entre outros. A esse respeito, disse Labov (2008, p. 238) diz que:

A existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está certamente bem fundamentada nos fatos. É a existência de qualquer outro tipo de comunidade de fala deve ser posta em dúvida [...] a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais. Argumentamos que a ausência de alternância estilística e de sistemas comunicativos multiestratificados é que seria disfuncional.

Assim, diferentes comunidades de fala apresentam variedades linguísticas, que são de determinados grupos sociais e funcionam como elementos de identificação de cada grupo. Não custa lembrar que todas as línguas são adequadas às necessidades e características da cultura a que servem igualmente válidas como instrumentos de comunicação social, sendo inconcebível, portanto, afirmar que uma língua ou variedade linguística é superior ou inferior a outra, ou seja, em uma sociedade diversificada como a nossa existem, então, várias formas de falar a mesma coisa no mesmo contexto.

Dessa forma não existe um purismo linguístico, o que se tem são formas variadas de ocorrência da mesma língua em contextos de uso reais da língua nas comunidades de fala, que quando estudadas percebe-se imediatamente a ocorrência de variações diversas do mesmo objeto comunicativo “a língua”, pois, toda comunidade linguística apresenta modos diferentes de uso e de representação verbal.

A língua e sociedade se inter-relacionam. Esse é um dos pressupostos da Sociolinguística. Se a língua tem sua função social, ou seja, se ela estabelece contatos sociais entre falantes ou os que escrevem, é inegável a sua relação com a sociedade.

Para a Sociolinguística Variacionista, não existe um único código linguístico absoluto o qual as pessoas deveriam tomar por linguagem correta porque a própria variedade linguística reflete a variação social, assim como a sociedade reflete a diferença de papel entre os indivíduos. E cada vez mais visível nas línguas das sociedades mais complexas, que os falantes procurem definir e consagrar modelos de uso.

Para Bagno (2005, p. 25):

No momento em que se estabelece uma norma-padrão, ela ganha tanta importância e prestígio social que todas as demais variedades são

consideradas “impróprias”, “inadequadas”, “feias”, “erradas”, “deficientes”, “pobres”... E esta norma-padrão passa a ser designada com o nome da língua, como se ela fosse à única representante legítima e legal dos falantes desta língua.

A norma padrão é mais utilizada por pessoas de alto nível de escolaridade e socioeconômico, com isso a norma padrão ganhou muito destaque e prestígio social, o que acaba gerando certo preconceito com os falantes da norma não padrão do português.

Os sociolinguistas assumem que, nas comunidades de fala, frequentemente, existirão formas linguísticas diversas em variação, isto é, formas que estão em concorrência, quando duas ou mais formas são usadas ao mesmo tempo, e em concorrência quando duas ou mais formas concorrem. Por isso, é possível considerar as variações como existentes e estudar a língua não só por ela própria, mas no indivíduo e, principalmente, na sua comunidade de fala.

Nesse sentido, a Teoria da Variação considera a língua em seu contexto sociocultural, uma vez que parte da explicação à heterogeneidade da língua a qual a qual emerge de usos linguísticos que pode ser encontrado em fatores externos e não nos fatores internos da língua. Portanto, como observou Mollica (2015, p. 10), "ela parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível".

Desse modo, os estudos sociolinguísticos variacionistas visam à descrição estatisticamente fundamentada de um fenômeno variável, tendo como objetivo analisar, apreender e sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala.

4. A METODOLOGIA SOCIOLINGUÍSTICA

O modelo teórico-metodológico da Sociolinguística permite que averiguemos quais os fatores sociais e linguísticos que proporcionam o uso ou o não uso das variantes linguísticas.

Em uma pesquisa científica de cunho sociolinguístico, os procedimentos metodológicos são de suma importância, uma vez que, utilizados de maneira correta, conferem qualidade e sucesso à pesquisa. Todos os estudos científicos seguem métodos que se adequam à finalidade dos mesmos, as pesquisas variacionistas seguem um método de quantificação de dados proposto por Labov (2008) a fim de analisar a probabilidade do uso de variantes linguísticas considerando fatores linguísticos e extralinguísticos como condicionantes ou não destas variantes, observando se elas são apenas variações ou mudanças linguísticas.

Desse modo, a metodologia sociolinguística permite e tem como objetivo analisar e sistematizar as variantes linguísticas existentes em uma mesma comunidade de fala (Tarallo, 1991), ou seja, estudar o fator de variabilidade da língua, em que os caminhos traçados pelos linguistas partiram da necessidade de estudar a língua sem dissociá-la da estrutura social, sem fazer abstrações de sua inerente heterogeneidade. Os objetivos fundamentam-se em entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística, procurando verificar o grau de estabilidade de um fenômeno, se está em seu início ou está percorrendo uma trajetória que aponta para mudança. Por isso podemos dizer que a variação não é um efeito do acaso, pois é vista como um fenômeno cultural influenciado por fatores linguísticos estruturais internos à língua e extralinguísticos sexo, escolaridade entre outros que favorecem ou inibem a variação.

Um método que se mostra muito eficaz é a narrativa de experiência sugerida por Labov (2008[1972]), pois, segundo o teórico, quando as pessoas começam a narrar suas experiências pessoais mais envolventes deixam de se preocupar com o modo que estão narrando, por isso este método é uma boa escolha para observar como ocorrem as variedades linguísticas contidas no vernáculo da língua.

Em seus estudos, Tarallo (1991) afirma que o pesquisador-sociolinguista consegue neutralizar o constrangimento de uma entrevista quando se aproxima da

comunidade procurando saber como seus habitantes vivem, seus costumes e gostos, desviando o foco da língua que é seu principal objetivo, assim a comunidade ficará a vontade para se expressar com naturalidade, com isso ele coletará dados mais precisos com maior valor de verdade. Para o autor, esse progresso dos estudos sociolinguísticos variacionistas se adequa a uma nova orientação e uma nova atitude com relação ao enfoque e ao objeto de estudo da linguística.

Em vez de enfatizar a ideia de que a língua é um sistema ou um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, estudando-a em suas propriedades estruturais autônomas, de forma isolada, não buscando explicações transcendentais para o fenômeno linguístico, deixando de lado o contexto e a situação social e histórica do indivíduo ou, de certo modo, concentrando na descrição histórica da língua, a Sociolinguística deu maior ênfase ao estudo da linguagem em seu caráter sociocultural e as relações entre a teoria da linguagem e seu uso.

Segundo Tarallo (1991), é o objeto de estudo, ou seja, o fato linguístico que mostrará qual o método a seguir para fazer uma análise que dê conta de todos os fatos disponíveis, pois os estudos sociolinguísticos partem do objeto bruto, em outras palavras partem do vernáculo. Sobre isto o autor afirma que:

O fato sociolinguístico, o dado de análise, é ao mesmo tempo a base para o estudo linguístico: o acervo de informações para fins de confirmação ou rejeição de hipóteses antigas sobre a língua e também para o levantamento de novas hipóteses. (Tarallo, 1991 p.18)

O caráter e função social da linguagem, suas repercussões no comportamento do indivíduo e os condicionamentos sociais determinariam as variações linguísticas dentro de uma língua representando, assim, os objetivos principais da Sociolinguística. Desta forma, a análise sociolinguística possui um modelo teórico-metodológico que vê a língua falada/escrita de forma diversificada, razão pela qual considera a língua em seu contexto sociocultural.

Assim, nessa pesquisa adotamos o quadro teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV e HERZOG, (1968), de cunho quantitativo, e entendemos que esse campo de estudo se tornou uma área de grandes investigações com resultados que não são apenas descritivos da língua enquanto

sistema, mas que trazem outros valores nos âmbitos políticos e educacionais e de que a língua é viva e mutável.

Em nossa pesquisa, seguindo o modelo metodológico proposto pela teoria que embasa nossa investigação, de início, escolhemos o fenômeno linguístico, a variação existente na concordância verbal do português, observados em textos escritos de estudantes de 2 (duas) escolas públicas de Garanhuns-PE, com turmas de 6º ano e 9º ano do ensino fundamental e 3º ano do ensino médio. O *corpus* dessa pesquisa segue constituído por textos do tipo narrativo escritos por esses estudantes, em seguida selecionamos os textos, observando apenas, os critérios de classificação em cada grupo que seria analisado.

Com o *corpus* da pesquisa montado, iniciamos a análise, à luz da teoria variacionista, a partir da abordagem quantitativa. A seguir, observemos o quadro geral dos nossos informantes:

Tabela 01. Número de textos analisados separados de acordo com os fatores extralinguísticos escolaridade/sexo.

Sexo	Escolaridade			TOTAL
	6º ano	9º ano	3º ano EM	
Masculino	5	5	5	15
Feminino	5	5	5	15
Total	10	10	10	30

O conjunto de variáveis desta pesquisa abarca a ocorrência ou não da marcação de concordância verbal. Portanto nossa variável é composta por estas duas variantes sendo a marcação de concordância considerado como a forma de prestígio na língua portuguesa por ter seu lugar garantido nas gramáticas tradicionais, nos livros didáticos e dicionários, instrumentos regentes de uma língua considerada como padrão, já a ausência de concordância é vista como uma forma desprestigiada.

Para análises, definimos os seguintes fatores linguísticos e extralinguísticos:

Tabela 02. Apresentação dos fatores linguísticos e extralinguísticos

Linguísticos	Extralinguísticos
Tipos de verbos (ação e estado)	Nível de escolaridade (6º ano e 9º ano do Ensino Fundamental II e 3º ano do Ensino Médio)
Posição do verbo em relação ao sujeito	Sexo (Masculino/Feminino)

4.1 Fatores Linguísticos

4.1.2. Tipos de verbos

O primeiro fator linguístico analisado foi o tipo de verbo, observamos como este fator atua na realização da variável estudada, o mesmo foi verificado por Silva (2008) que pontuou que como sendo o verbo um termo essencial da oração, base geral das relações sintáticas, e dada a sua importância dentro da língua, é indispensável verificar se a pressão interna gerada pela carga semântico-funcional do verbo pode, ou não, determinar maior ou menor presença de marcas formais de plural .

Selecionais os seguintes tipos de verbos para nosso estudo:

Verbos de ação: *brincar, correr e viajar*.

Verbos de estado: *estar, ficar e ser*.

Cabe salientar que Silva (2008) ainda abordou em sua pesquisa outros tipos de verbos, porém nos restringirmos a observar apenas dois tipos, uma vez que ambos se apresentaram como os principais tipos atuantes na variável aqui analisada.

4.1.3. Posição do verbo em relação ao sujeito

O segundo fator linguístico levantado nesta pesquisa foi a posição do verbo em relação ao sujeito, sobre isso Scherre e Naro (1997) apresentam resultados que apontam para o fato de que, quando o sujeito está em posição mais à esquerda e mais próximo do verbo, existe maior probabilidade de favorecimento da ocorrência da variante explícita,

enquanto a posição à direita e o distanciamento em relação ao verbo a desfavorecem, independentemente do grau de escolaridade dos falantes, podemos ver nas seguintes sentenças:

9.a *Os meninos jogam bola.*

b. *Os meninos bonitos da outra rua **joga** bola.*

Podemos perceber que quanto mais longe o verbo se encontra em relação ao sujeito, parece-nos que a tendência seria a de não ocorrer a marcação da concordância verbal.

Além dos fatores linguísticos, analisaremos os fatores extralinguísticos que favorecem ou não a marcação de concordância são eles: o sexo e escolaridade, ambos, mostraram-se atuantes na ocorrência da variável aqui analisada.

4.2 Fatores extralinguísticos

4.2.1. Sexo

Segundo Fischer (1958), em um estudo intitulado *Influências sociais na escolha de variantes linguísticas*, foi o primeiro estudioso a fazer referência à correlação entre variação linguística e o fator sexo. Desde então, a análise da dimensão social da variação e da mudança tem considerado o peso na língua ocasionado pelas diferenças entre papéis sociais desempenhados por homens e mulheres no interior de uma comunidade de fala. Para a variável sexo, levantamos a hipótese de que as mulheres fazem mais uso da concordância verbal da forma padrão, enquanto os homens apresentam mais a ausência de concordância verbal, conforme diversas pesquisas já demonstraram.

4.2.2. Nível de escolaridade

A escolha pelo nível de escolaridade enquanto fator de ordem social que pode interferir na realização de nossas variantes se deu tendo em vista que a escola incute padrões e normas linguísticas, estéticas e morais, podemos dizer, assim, que a influência dessa variável é correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança

(VOTRE, 2003, p. 51), revelando-se, assim, importante para os estudos sociolinguísticos variacionistas.

Os níveis analisados foram o Ensino Fundamental II (6º e 9ºanos) e o Ensino Médio (3º ano), tendo, assim, possibilidade de verificar o fenômeno em estudo ao longo de um considerável recorte no período escolar.

4.3 A comunidade de fala

Selecionamos como comunidade de fala os alunos do 6º ano, 9º ano do ensino fundamental e 3º ano do ensino médio de duas escolas públicas da rede municipal e estadual da cidade de Garanhuns em Pernambuco. A escola municipal atende alunos a partir do 1º ano do ensino fundamental I até o nono ano do ensino fundamental II na forma regular e na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos). A escola estadual atende a alunos do ensino médio. Ambas ficam situadas no mesmo bairro, distante do centro e com casas de estrutura física diversa, assim também se encontra a variedade na infraestrutura das ruas algumas são calçadas e asfaltadas outras apresentam problemas como falta de calçamento e saneamento básico.

As escolas assistem alunos de classe baixa, as mesmas atendem não só crianças e adolescentes moradores da zona urbana, mas também moradores da zona rural, o que nos leva a acreditar que existem muitas variações linguísticas dentro do âmbito escolar devido a essa diversidade do modo de vida dos discentes que lá estudam.

As instituições de ensino selecionadas para a pesquisa possuem uma gestão democrática, contando com uma gestora, técnico educacional, coordenadoras, secretárias, funcionários administrativos, professores, estudantes, e outros funcionários que atuam na cozinha e em serviços gerais.

Uma vez conhecida a comunidade de fala, a próxima etapa cumprida foi à coleta de dados. Nosso *corpus* para análise é constituído por textos escritos, portanto tivemos que propor uma atividade em que obtivéssemos a forma natural da fala dos discentes, sem que estes se preocupassem em polir seu uso da língua enquanto escreviam. Por isso nas turmas de 6º e 9º propusemos que eles produzissem relatos falando da vida deles ou alguma coisa relacionada com cotidiano, como a preservação do meio ambiente no 3º

ano do ensino médio solicitamos que falassem de algumas doenças que atacam os jovens como por exemplo, anorexia a qual pode considerada como uma narrativa de experiência (Labov, 2008), já que eles tinham que escrever acontecimentos verídicos de suas vidas, em que eles realizaram fatos em conjunto. Inicialmente foi feita uma breve explicação acerca do gênero que seria produzido, em seguida foi lido um pequeno relato de experiência como exemplo, depois, a atividade foi explicada de forma oral e escrita pelo próprio pesquisador com o auxílio do professor que foi orientado a não ajudar os alunos no momento da produção textual.

Com os dados em mãos, foi feita a montagem do *corpus* da pesquisa, foram recolhidos, as produções textuais, das quais foram analisadas 30 (trinta). Os textos foram organizados em células de cinco informantes de acordo com as características sociais dos colaboradores e foram codificados de acordo com a numeração dos textos, a série e o sexo do informante.

Na próxima seção, estaremos discutindo e apresentando os resultados obtidos por meio da análise realizada, observaremos quais fatores linguísticos e extralinguísticos mostram-se mais atuantes na ocorrência das variantes em questão.

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, discorreremos acerca dos resultados da análise dos dados realizada à luz da Sociolinguística Variacionista, mostrando quais os fatores linguísticos e extralinguísticos que se apresentaram como condicionantes ou não do nosso fenômeno.

5.1 Apresentação

Nosso objetivo foi verificar a ocorrência ou não da marcação visível da concordância verbal em produções escritas produzidas por pré-adolescentes e adolescentes de Garanhuns-PE, estas constituem o *corpus* dessa pesquisa. Foram analisadas 30 (trinta) produções textuais no total, nas quais encontramos os dados que podemos observar na tabela a seguir:

Tabela 03. Distribuição total das variantes

Variante	Percentual	Ocorrências
Marcação da concordância	85,85%	194
Ausência da concordância	14,15%	32
Total	100%	226

Ao analisarmos de forma geral a tabela 03, percebemos que no total dos 30 (trinta) textos coletados, contabilizamos 226 ocorrências de verbos, totalizando um percentual de 85,85% de marcação da concordância verbal visível, com 194 ocorrências, e 14,15% dos dados apresentaram a variante da ausência da concordância, com 32 ocorrências, apenas.

Sabendo que “a variação e a mudança são inerentes às línguas” e defendendo que a variação não deve ser vista como “um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e por fatores extralinguísticos de vários tipos” (VOTRE, 2008, p. 141), buscaremos verificar a influência dos fatores linguísticos e extralinguísticos nessa configuração dos dados. Traremos, a seguir, a análise individual de cada um deles.

5.2. Análise dos Fatores Extralinguísticos

A sociolinguística estuda a língua considerando seu lado social, sendo assim, a análise dos fatores extralinguísticos é de extrema importância para a mesma, por isso apresentaremos, a seguir, os fatores extralinguísticos atuantes na ocorrência das variantes estudadas, são eles: o nível de escolaridade e sexo.

5.2.1. Nível de escolaridade

Selecionamos este fator partindo da hipótese de que quanto maior o nível de escolaridade do falante, mais próximo do padrão culto da língua ele estará, logo, em nosso fenômeno, acreditamos que esses falantes apresentariam, mais fortemente, a variante com a ausência de marcação da concordância verbal, considerando que a escola influencia o uso das formas linguísticas de prestígio social.

Observando os dados encontrados em nosso *corpus*, chegamos aos seguintes resultados em relação às variantes utilizados nas produções textuais do 6º ano do Ensino Fundamental:

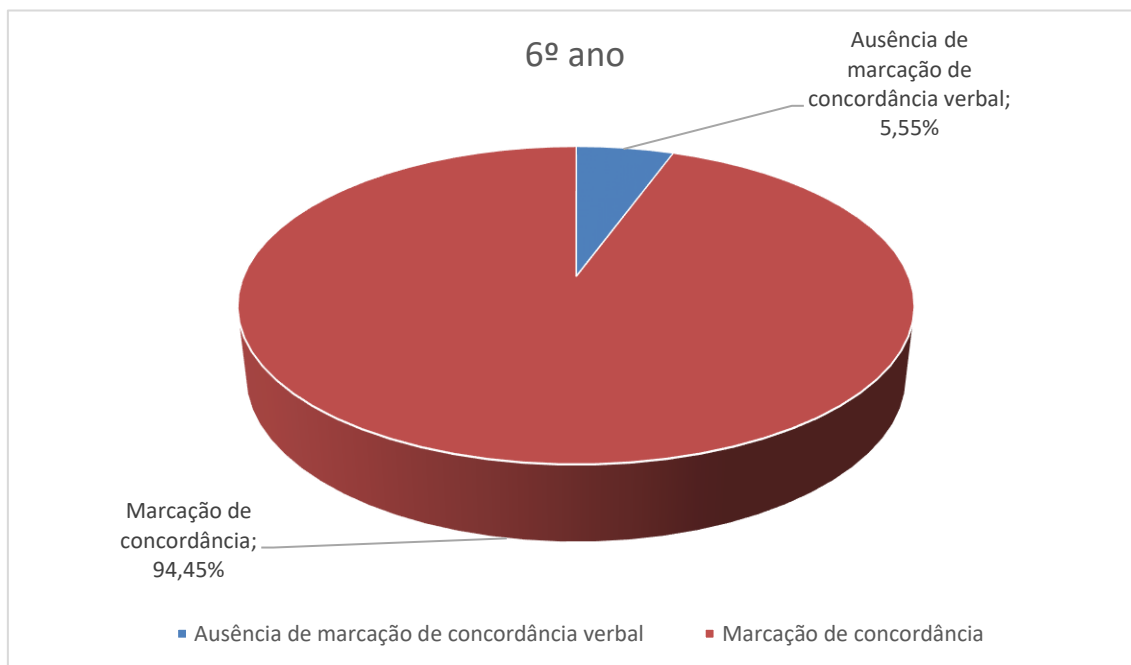


Gráfico 01. Distribuição de ocorrências gerais por ano

Ao analisarmos, especificamente, os dados colhidos nos textos do 6º ano, totalizando 54 verbos ao longo das 10 produções textuais observadas, obtivemos

94,45% das ocorrências com a marcação da concordância verbal e 5,55% na ausência da marcação.

Vejamos, a seguir, os dados obtidos com os informantes com um nível de escolaridade intermediário, entre os que selecionamos para nossa pesquisa, os alunos do 9º ano.

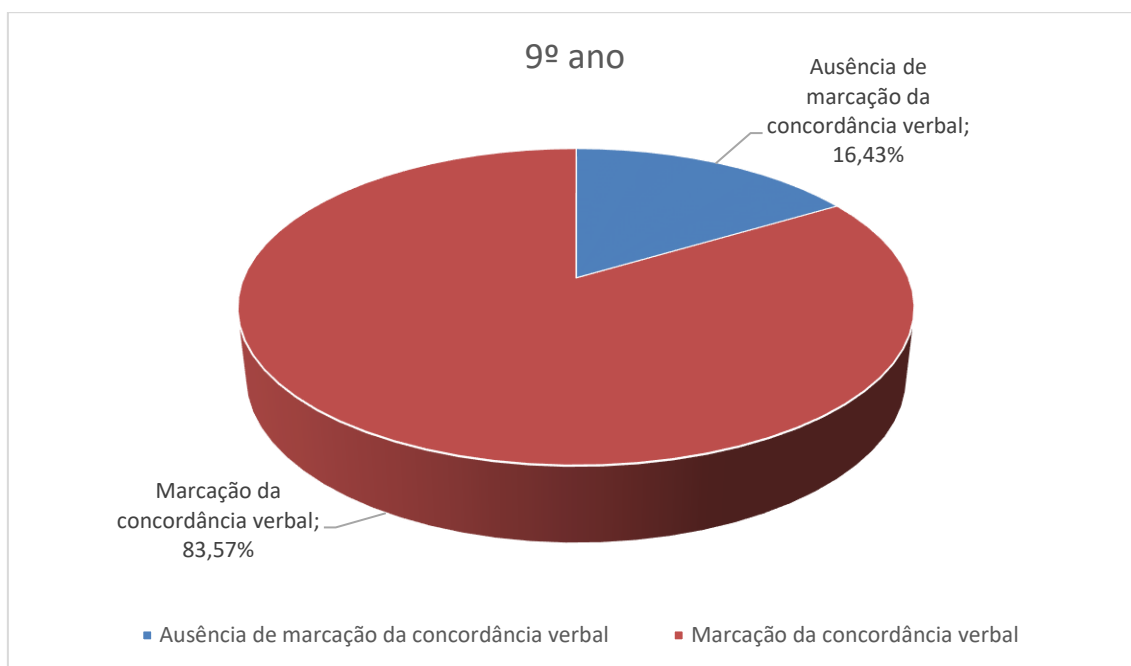


Gráfico 02. Distribuição de ocorrências gerais por ano

Ao observarmos os dados percentuais do 9º ano, uma turma que está concluindo o ciclo do Ensino Fundamental, obtivemos um total de 73 ocorrências, tendo a variante da não marcação da concordância verbal com 16,43% e a marcação da concordância representa 83,57% das ocorrências.

Nos dados dos informantes mais escolarizados de nossa pesquisa, os alunos do 3º ano do Ensino Médio, a princípio, acreditávamos que encontraríamos dados linguísticos muito mais próximos ao padrão culto da língua, tendo em vista o maior tempo de contato com o ensino formal da língua portuguesa na escola. Observemos o gráfico a seguir:

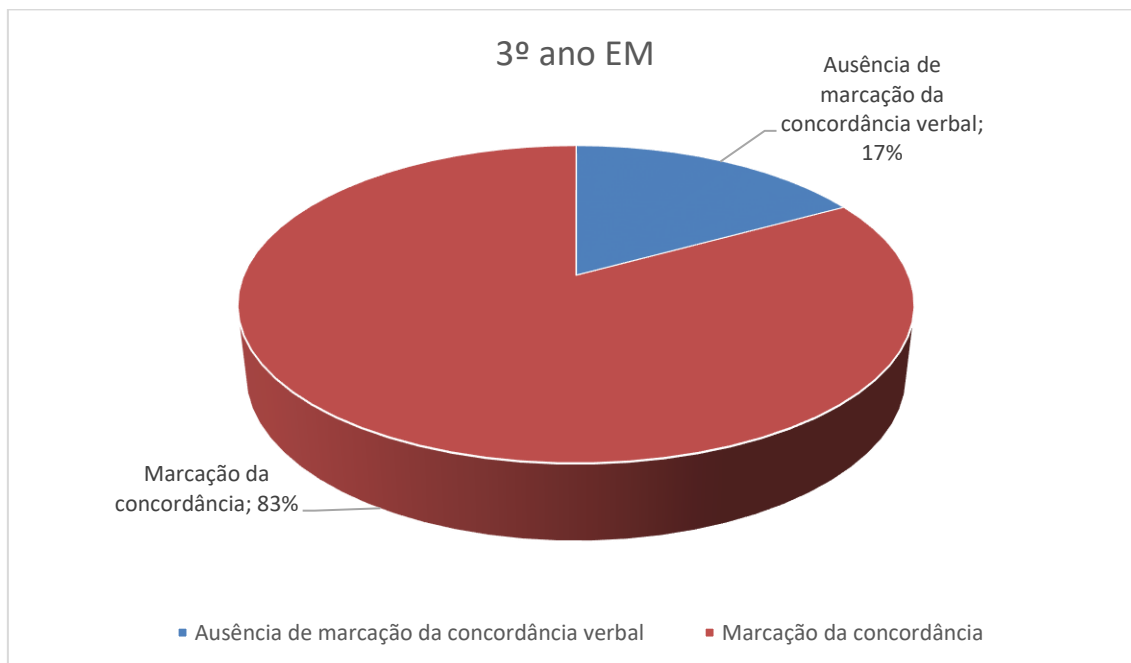


Gráfico 03. Distribuição de ocorrências gerais por ano

Através de nossa análise na turma de 3º ano do Ensino Médio, obtivemos 100 ocorrências de verbos e 17 delas não apresentaram a marcação visível da concordância.

Como foi visto, através dos gráficos anteriores, o fator escolaridade manteve um certo equilíbrio em relação à distribuição das ocorrências no que concerne a variante não padrão e, conseqüentemente, nas três turmas analisadas, a utilização da concordância padrão mostrou-se superior em termos de ocorrências e percentuais, alcançando mais de 83% em todas as turmas. Vejamos:

Tabela 04. Distribuição de dados de acordo com o fator escolaridade

Variante	6ºano/ percentual	9ºano/percentual	3ºanoEM/ percentual
Marcação da concordância verbal	94,45%	83,57%	83%
Ausência da marcação	5,55%	16,43%	17%

Entretanto, vale destacar que a turma na qual esperávamos encontrar o maior uso da variante não padrão foi a que teve o maior percentual de uso da forma culta da língua no que tange à concordância verbal.

Acreditava-se que os informantes do 6º ano do Ensino Fundamental, por estarem situados no nível de escolaridade mais baixo, tendo, assim, menos tempo de ensino formal da língua portuguesa e, conseqüentemente, de contato com as regras ensinadas na escola para o padrão de concordância do português, apresentariam muito mais dados com a variante não-padrão, porém, nos dados analisados, há poucos casos de não manifestação de concordância verbal em suas escritas.

O 9º ano, nosso nível intermediário de análise no fato escolaridade, apresentou um percentual de não marcação da concordância superior ao do 6º ano, contudo, inferior ao do 3º ano do Ensino Médio. De outra forma, os textos analisados mostraram que, apesar dos informantes do 6º ano representarem o menor nível de escolaridade, mantiveram a forma canônica da marcação da concordância, de forma bastante acentuada, em seus textos e, ao mesmo tempo, também, percebemos que mesmo tendo um longo período de escolarização, a turma do 3º ano, foi a que mais utilizou a forma não padrão da língua portuguesa, a variante estigmatizada, sem marcação visível de concordância verbal.

Embora alguns estudos, como os de Rodrigues (1997) e Vieira (1994), apontem que a escolarização no nível mais alto é um dos fatores responsáveis por aumentar as chances do variante padrão ser processada, em nossa investigação, isso não foi comprovado. Apesar de reconhecermos que o ensino formal tem surtido efeito no que tange ao ensino de língua portuguesa, na variação em foco, o nível de escolaridade não se mostrou definidor ou influenciador para a utilização da variante padrão.

5.2.2. Sexo

A escolha pelo fator sexo foi feita tendo em vista as várias diferenças linguísticas que são apontadas, em diversos trabalhos, entre homens e mulheres. De acordo com a Sociolinguística Variacionista o sexo do informante pode diferir no uso linguístico em diversos aspectos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexical).

Através da observação dos dados encontrados em nosso *corpus*, avaliamos em qual sexo a variante estigmatizada, sem a marcação da concordância verbal, seria mais utilizada. Vejamos, a seguir, os resultados percentuais em relação à essa variável. Observemos os gráficos a seguir:

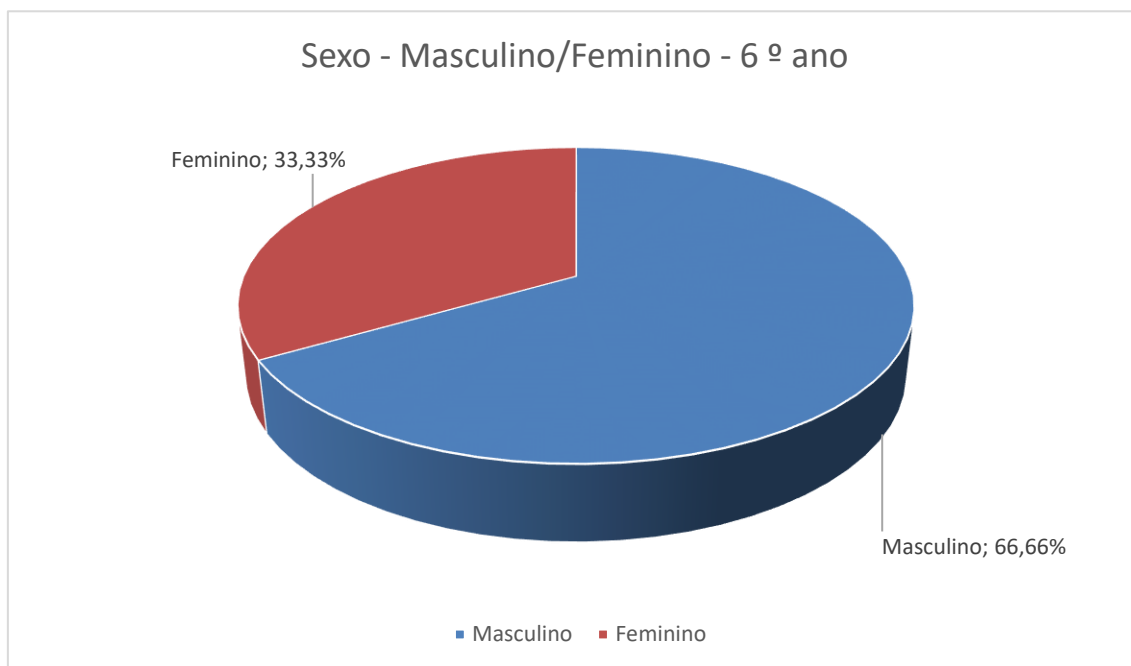


Gráfico 04. Distribuição de ocorrências gerais por sexo no 6º ano

Ao observarmos os textos escritos pelos alunos do 6º ano, encontramos 54 ocorrências de verbos no total, entretanto obtivemos apenas 3 verbos sem marcação da concordância, sendo duas ocorrências do sexo masculino e uma ocorrência no sexo feminino, tendo, essa variante, 66.66% e 33.33% respectivamente.

A seguir, veremos a análise dos informantes que já estão inseridos há mais tempo no estudo da norma culta da língua, os alunos do 9º ano, dos quais obtivemos os seguintes resultados:

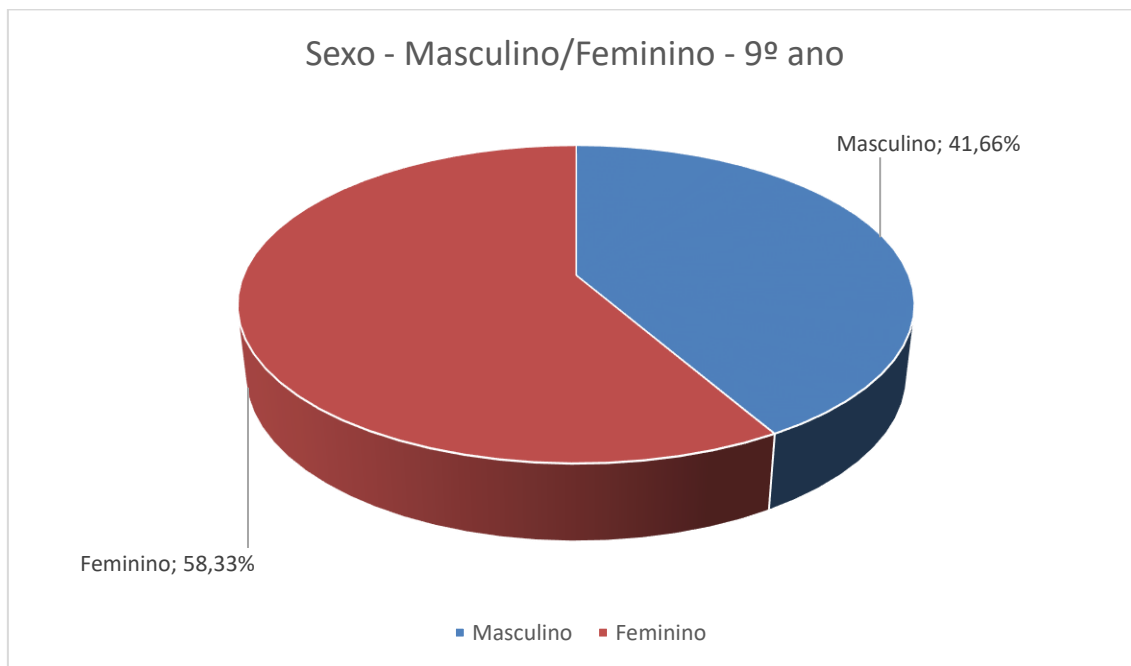


Gráfico 05. Distribuição de ocorrências por sexo no 9º ano

Os dados da pesquisa nesses informantes, totalizando 73 verbos e apenas 12 casos de uso da variante não padrão, nos mostraram que, diferentemente dos do 6º ano, houve um percentual relativamente maior de ocorrências da não marcação da concordância entre os informantes do sexo feminino, tendo 58,33%, e 41,66% nos do sexo masculino.

Os informantes com o maior grau de experiência em relação à norma padrão analisados em nossa pesquisa, a saber, os discentes do 3º ano do Ensino Médio, nos forneceram os dados que podem ser vistos no seguinte gráfico:

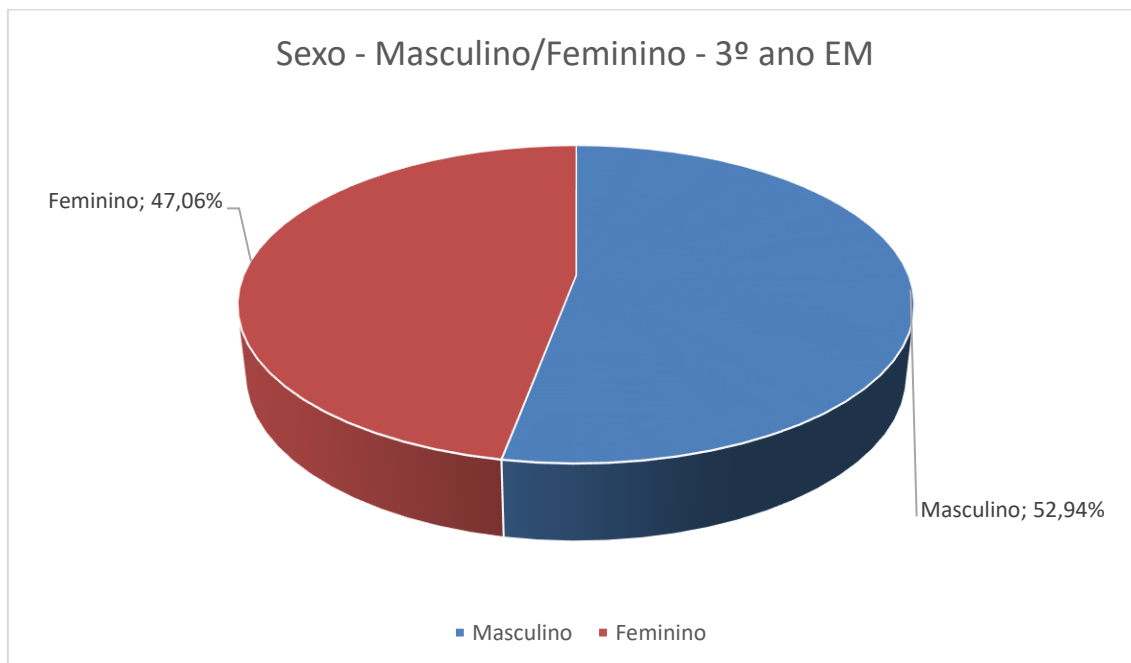


Gráfico 06. Distribuição de ocorrências por sexo 3º ano EM

Nessa análise, presenciamos 100 ocorrências verbais, sendo apenas 17 delas com a ausência da marcação da concordância verbal. Encontramos 52,94 % de ocorrências no sexo masculino e 47,06 % com as informantes da mesma turma, demonstrando, ao que parece, que o fator sexo se mostrou influenciador quanto ao uso do variante padrão nesse nível de escolaridade. Tendo a predominância da variante de prestígio com os informantes do sexo feminino.

A tabela a seguir nos mostra o percentual distribuído de acordo com o sexo do falante. Nela observamos que há um número significativo de utilização da variante não padrão entre os homens em duas das três turmas analisadas.

Tabela 05. Número do percentual de ausência da concordância verbal referente ao fator extralinguístico sexo

Escolaridade	6º ano	9º ano	3º ano EM
Masculino	66,66%	41,66%	52,94%
Feminino	33,33%	58,33%	47,06%

É importante ressaltar que esperávamos que fosse o sexo masculino que empregaria menos a norma culta da língua, logo faria mais uso da variante

estigmatizada, entretanto, em uma das turmas analisadas, o 9º ano, nossa hipótese não foi confirmada.

Nos estudos de Rodrigues (1987), enfatiza-se a motivação para avaliar o papel do sexo sobre a variação linguística. O autor aponta que as variedades ligadas ao sexo do informante aparecem como resultado do fato de a língua, enquanto fenômeno social, estar intimamente relacionada com atitudes sociais. Sendo assim, essa situação não se trata apenas de um caso de pressão social acerca do uso padrão da língua, mas de uma percepção de que o contato com outros grupos sociais, levaria ambos os sexos a fazerem escolhas pelo uso ratificado de grupos sociais mais privilegiados.

A análise da dimensão social da variação e da mudança tem considerado o peso na língua ocasionado pelas diferenças entre os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres no interior de uma comunidade de fala, como pudemos observar, minimamente, em nossa pesquisa.

Constatamos, através da análise empreendida, que o comportamento linguístico do homem difere do comportamento da mulher, considerando a maior tendência do sexo feminino em, no caso de nosso estudo, preservar a concordância verbal canônica, utilizando, assim, a variante de prestígio.

5.3. Análise dos Fatores Linguísticos

Para análise do ponto de vista linguístico, selecionamos dois fatores. São eles: tipos de verbo (ação e estado) e a posição do verbo em relação ao sujeito. Vejamos quais desses condicionaram a aparição das variantes estudadas.

5.3.1 Tipos de Verbos

Em nossa pesquisa, percebemos como é importante levar em consideração o tipo de verbo em que acontece a manifestação das variantes, dessa forma, analisamos os verbos de ação e estado.

O verbo é um dos termos essenciais da oração, como regra geral, ele deve concordar em pessoa e número com o sujeito de acordo com a Gramática Tradicional.

Nesse sentido, Câmara Jr. (1986) afirma que, em línguas de verbo flexional, como é o português, o sujeito, apresentado como uma pessoa gramatical, se expressa na própria forma verbal por meio de um morfema, que é parte da flexão verbal, geralmente é responsável por realizar ou sofrer uma ação ou estado, ele é o termo com o qual o verbo concorda.

Estudos como os de Graciosa (1991) apontam que é importante verificar se a carga semântico-funcional do verbo pode determinar maior ou menor presença de marcas formais de plural, e o verbo, dentro da sentença, é um fator essencial nessa questão. Vejamos a tabela 06 com a distribuição da marcação e ausência da concordância verbal, observemos, atentamente, o número de ocorrências dos verbos de ação e estado associados às variantes e seus percentuais:

Tabela 06. Tipos de verbos encontrados no corpus

Tipos de verbos	Ocorrências	Percentual
Verbos de ação	166	73,45%
Verbos de estado	60	26,55%
Total	226	100%

Observamos o gráfico com os dados percentuais desse fator linguístico.



Gráfico 07. Distribuição de ocorrências gerais dos tipos de verbos

Em nossa análise, encontramos 226 ocorrências de verbos distribuídos entre ação e estado dentro dos textos escritos por nossos informantes. Observamos que os verbos mais presentes foram os de ação, onde obtivemos 73,45% de ocorrências, já os de estado, tiveram 26,55%. Observemos, a seguir alguns exemplos retirados de nosso *corpus*:

Emprego de verbos de ação:

- 9.a. *As pessoas que tem essa doença **prática** exercícios várias vezes.*
- b. *Enquanto os governos **ganha** mais.*
- c. *Muitas pessoas **desmata** e não **planta** de volta.*

Emprego de verbos de estado:

- 10.a. *As pessoas pensam que **está** magro e **continua** comendo uma quantidade absurda de alimentos*
- b. *As mulheres **fica** com depressão.*
- c. *O tratamento para anorexia **são** recuperar o peso corporal e os hábitos alimentares.*

Percebemos que há um número maior de verbos de ação sem a marcação da concordância verbal no quantitativo de ocorrências dessa variante. Ou seja, do total de 32 ocorrências da variante com ausência de concordância em todo nosso *corpus*, a maior parte delas foi encontrada nos verbos de ação, 56,25%. Contudo, isso não quer dizer que nos verbos de estado esse fenômeno não apareça, pelo contrário, pois obtivemos 43,75% de casos.

Vale destacar que mesmo apresentando a ausência de concordância, os verbos de estado não aparecem na mesma intensidade dos verbos de ação. Sendo assim, o tipo de verbo que mais induziram a ausência da concordância verbal, em nosso estudo, foram os verbos de ação.

5.3.2 O verbo em relação ao sujeito

Vejam os a tabela que mostra as ocorrências e os percentuais do verbo em relação ao sujeito de nossa análise:

Tabela 05. Verbo em relação ao sujeito em todo o *corpus*

Fator Linguístico	Ocorrências	Percentual
Elemento nominal seguido de verbo (SV)	160	70,79%
Elementos linguísticos entre sujeito e verbo (SxV)	66	29,21%
Total	226	100%

Observaremos, a seguir, o gráfico com o percentual dos dados obtidos.



Gráfico 08. Distribuição de ocorrências do verbo em relação ao sujeito na variante não-padrão

É sabido que o verbo é um fator determinante dentro da oração, e quando ele se encontra distante do sujeito a tendência é ocorrer a ausência da concordância verbal, desse modo, em nossa análise, nos propusemos a fazer essa distinção e obtivemos 53,12% de não marcação da concordância quando o verbo está em posição mais distante do elemento nominal e 46.88% quando o verbo vem diretamente posposto ao sujeito.

Ao analisarmos esse fator, percebemos que quando os informantes usam a forma SV a chance de a concordância morfológica aparecer é maior, pois, como podemos observar, o percentual dessa ocorrência encontrada é maior em cerca de 7% em relação a outra variante. Logo, quando o verbo aparece em posição mais distante de seu elemento sujeito, a o índice de concordância verbal é diminuído, ou seja, quanto mais longe o verbo estiver do sujeito, mais provável que a concordância morfológica não aconteça. Observemos os exemplos extraídos de nosso *corpus*:

Exemplos de casos do verbo em relação ao sujeito:

11.a. *Os pais tem que sempre **está** atentos nessas jovens.*

b. *Em cada 100 mil pessoas no mundo hoje 65 mil **sofre** com essa doença.*

c. *Cabe ao Ministério da Saúde junto com parcerias elaborar projetos que **auxilia** a sociedade.*

Como já citamos anteriormente, o português brasileiro apresenta uma ordem sintática do tipo sujeito, verbo, porém, nessa pesquisa obtivemos um percentual que mostra que quando a relação sujeito-verbo muda, pode ocasionar a não marcação da concordância verbal. Estudos como os de Scherre; Naro; Cardoso (2007) enfatizam que independentemente do tipo do verbo, qualquer argumento ou sintagma à direita do verbo tende, relativamente, a diminuir as marcas de concordância explícita, ou seja, quando esse verbo é posicionado à direita do sujeito acarretará na mudança linguística.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, fizemos uma análise da variação linguística entre as formas verbais que possuem a marcação morfológica de concordância e a sua variante com ausência da concordância verbal, nosso *corpus* foi constituído por textos escritos de alunos do 6º e 9º do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio da cidade de Garanhuns-PE.

Observamos as ocorrências dessas variantes à luz da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008) seguindo a metodologia proposta por esta teoria, que considera o lado social da linguagem, portanto, atua na desconstrução dos preconceitos linguísticos ao mostrar que toda variação é condicionada por um grupo de fatores linguísticos e extralinguísticos.

Embasamos nossa pesquisa também nos estudos de Moura (2007) Rodrigues (1997) Vieira (1994) entre outros, todos abordaram como objeto de estudo a variação da concordância verbal e nos forneceram dados relevantes, a partir dos quais foram levantadas as hipóteses existentes nesse estudo.

Ao analisarmos textos escritos, percebemos que os mesmos tendem a apresentar uma linguagem mais polida, uma vez que seu processo de produção difere da fala no que tange ao tempo de recepção do interlocutor, assim como ao próprio processo de produção que proporcionam ao escritor oportunidades de buscar a melhor forma de se expressar fazendo correções quando necessário, ainda assim encontramos um número razoável de ocorrências da forma estigmatizada.

Chegamos a confirmar a maioria das hipóteses levantadas, embasadas em diversos estudos acerca desse fenômeno. Contudo, a princípio, esperávamos encontrar muitas ocorrências da variante sem a concordância morfológica, principalmente nos estudantes com menor nível de escolaridade, entretanto essa forma apareceu em, apenas, 14,15% de todo o *corpus*. Dessa forma, temos que em 85,5% dos dados obtidos, a concordância verbal foi utilizada de acordo com o modelo da gramática padrão.

Para análise, elencamos fatores de ordem linguística e extralinguística como variáveis possíveis de condicionarem uma ou outra variante, são eles: tipo de verbo,

verbo em relação ao sujeito, sexo e escolaridade, respectivamente. Diante dessa seleção de variáveis pudemos verificar quais delas atuaram nesse processo variacionista.

Em relação ao fator escolaridade, percebemos que os informantes do 6º ano apresentaram um maior uso da variante padrão, tendo apenas 5,55% de seus dados sem concordância verbal marcada. Já os informantes do 9º ano, ao contrário do que esperávamos apresentou em 16,43% dos dados a variante com a ausência de concordância. Outro fato interessante é que a turma com maior nível de escolaridade foi a que mais utilizou a forma não padrão, tendo 17% de ocorrências sem concordância verbal. Nos resultados apresentados em nossa pesquisa, não foi predominante a força do fator escolaridade como condicionante para o uso de um ou outra variante.

O fator sexo também nos trouxe resultados interessantes, pois mostrou-nos que, como já apontam pesquisas anteriores, o sexo do informante é capaz de influenciar na escolha e no uso dos elementos linguísticos. Nas turmas do 6º e 3º anos, os estudantes do sexo masculino foram os que mais utilizaram a variante não padrão, excetuando, apenas, o 9º ano que teve 2,35% de maior uso da variante estigmatizada pelos informantes do sexo feminino.

Para o fator linguístico tipo de verbo, tivemos os verbos de ação e estado como possíveis condicionadores de ausência da concordância verbal. Em nosso estudo, os verbos de ação tiveram o maior número de ocorrências no total do *corpus* e nos casos da ausência de concordância, atuaram como maiores influenciadores no que tange ao uso da forma não-padrão.

No fator posição do verbo em relação ao sujeito, obtivemos 53,12% de ocorrências da variante estigmatiza quando o verbo encontra-se em posição mais distante de seu elemento sujeito, logo, em nosso trabalho, comprovamos a ideia de que quato mais próximo o verbo estiver de seu sujeito, mais facilmente a marcação da concordância verbal acontecerá.

Portanto, podemos dizer que atingimos nossos objetivos ao encontrar, apresentar e discutir todos os dados expostos. Esperamos que os resultados deste estudo venham colaborar com as pesquisas sociolinguísticas variacionistas promovendo uma reflexão sobre o uso da língua, a fim de desconstruir os conceitos equivocados sobre as variações

linguísticas, corroborando para a valorização do português do Brasil, atestando sua diversidade cultural.

A análise da marcação e ausência da concordância verbal, em textos escritos produzidos por estudantes de Garanhuns-PE, poderá ser ampliada para verificação de demais fatores condicionantes ou não do conjunto de variantes estudadas, como por exemplo, o paralelismo discursivo. A pesquisa também poderá ser estendida a outros fatores extralinguísticos como localidade e níveis de escolaridade entre outros grupos.

7. REFERÊNCIAS

- ALI, M. S. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 8ª ed. São Paulo: Companhia de Melhoramentos, 2001.
- ANDRADE, José Armando. **Repetição e marcadores discursivos na produção textual de alunos**. Universidade Federal de Pernambuco. Dissertação (Mestrado), 2006.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BEZERRA, M. A. Ensino de língua portuguesa e contextos teóricos-metodológicos. In: **Gêneros textuais e ensino**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- CÂMARA JR., Mattoso. **Dicionário de Linguística e gramática: referente à língua portuguesa**. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CASTILHO, Ataliba T. de. O Português do Brasil. In: ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. São Paulo, Ática, p.237-285, 1992.
- CASTILHO, A. T. de (2010). **Nova gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3ª ed, 2001.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.
- FISCHER, Jhon. L, Social Influences on the Choice of a Linguistic Variant, **Word** 14: 47-56. 1958.
- GÓIS, C. **Sintaxe de concordância**. 11ª. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1955.
- GRACIOSA, D. M. D. **Concordância verbal na fala culta carioca**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, Mudança e Linguagem**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; SILVA, Jorge Augusto Alves da. A concordância verbal. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUFT, C. P. **Moderna gramática brasileira**. 2. Ed. São Paulo: Globo, 2002.

MOLLICA, Maria Cecília (org.). **Introdução à Sociolinguística Variacionista**. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1992. (Cadernos Didáticos UFRJ).

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.) **Influência da fala na alfabetização**. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1998.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAG, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo : Contexto, 2015.

MOURA, D. O tratamento das variantes padrão e não-padrão na sala de aula. In: Denilda Moura (org). **Leitura e escrita: a competência comunicativa**. Maceió: EDUFAL, p. 11-26, 2007.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

PERINI, Mario A. **Gramática Descritiva do Português**. 4. ed. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

PERINI, Mario A. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. São Paulo: Parábola, 2004.

RODRIGUES, A. C. S. **A concordância verbal no português popular em São Paulo**. São Paulo, 1987. 259 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

RODRIGUES, D. A. **A concordância verbal na fala urbana de Rio Branco**. 1997, 198f. Dissertação (Mestrado em linguística) – UNICAMP, IEL, Campinas.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony. 1997. **A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente**. In: HORA, Dermeval da (Org.). *Diversidade Linguística no Brasil*, 93-114. João Pessoa: Ideia.

SCHERRE, M. M. P., C. R. CARDOSO & A. J. NARO. 2007. Inacusatividade ordem e concordância verbal. **Caderno de Resumos** do CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN 5: 777-778. Belo Horizonte – MG: Faculdade de Letras da UFMG.

SANTOS, Renata L. de Araújo. **A metodologia da pesquisa em sociolinguística variacionista**. Revista Espaço Acadêmico, nº 97, junho de 2009.

SILVA, E. V. da. Norma, variação e ensino: a concordância verbal. **Caderno de Letras da UFF** – Dossiê: Literatura, língua e identidade, n 34, 2008, p. 31-41. Disponível em <<http://www.uff.br/cadernodeletrasuff/34/artigo2.pdf>>. Acesso em 9 de jun. de 2018.

SILVA, Jorge Augusto A. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil**: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia. UFBA: Tese de Doutorado, 2005.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1991.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 3°. ed. São Paulo: Ática, 1990.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1998.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília (orgs.). **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

VIEIRA, S. R. Aspectos da concordância verbal em dialetos populares In: **ENCONTRO NACIONAL SOBRE LÍNGUA FALADA E ENSINO**, I., 1994, Maceió. Anais... Maceió: EDUFAL, 1994. P. 323-327.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].